

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/1997 - ANO I - Nº 01

EDITORIAL

Piquete sempre foi e continua sendo um manancial inesgotável de talentos. Todavia, brilhantes dons, por ausência de incentivos maiores e de realizações concretas, deixam de ser burilados e em muitos casos jamais qualquer de suas facetas reflete no cenário da própria existência.

Seria bem cômodo atribuírmos culpas às nossas autoridades: desleixo ou incompetência para prover a cidade de opções para os jovens, em particular, e ao povo em geral. Manda, porém, a justiça que assumamos ser o município desprovido de recursos, com orçamento irrisório. Na mesma situação encontra-se o comércio local, que, embora criativo e participe, não possui fôlego para arcar com iniciativas que venham a ser onerosas.

Ante tal constatação, só nos resta como saída – paragonando com o que disse Kennedy –, propor: “Não perguntemos o que Piquete pode fazer por nós, mas o que nós poderemos fazer por Piquete”. Na verdade, muito mais do que imaginamos.

Nasceu a Fundação Christiano Rosa. Evidentemente, não para fazer milagres. Raiou, porém, com nova filosofia: trabalhar para e por Piquete, numa adição de forças que ditará seu sucesso. Não se colocou nos pratos da balança razão e sentimento. Isenção total de mentes desconfiadas. Se falhar, não será pelo pecado da omissão.

Várias são as comissões técnicas da Fundação, numa abrangência que procurará suprir as deficiências para o desenvolvimento de potencialidades de nossa gente. Urge alicerçarmos agora nossa ativa participação na vida da cidade para iniciarmos o próximo milênio repletos de confiança em nós mesmos e orgulhosos dessa querida terra.

Este jornal, destinado a informar sobre a Fundação e a difundir-la, também levará muito de nossa historiografia, cultura e promoções. Como os demais departamentos da Fundação, este órgão estará aberto para todos os munícipes. Sugestões e críticas serão muito bem recebidas.

Nasceu a Fundação Christiano Rosa. E com ela a nossa inquebrantável fé de que poderemos engrandecer nossa Piquete e, conseqüentemente, torná-la à altura do valor de sua gente.

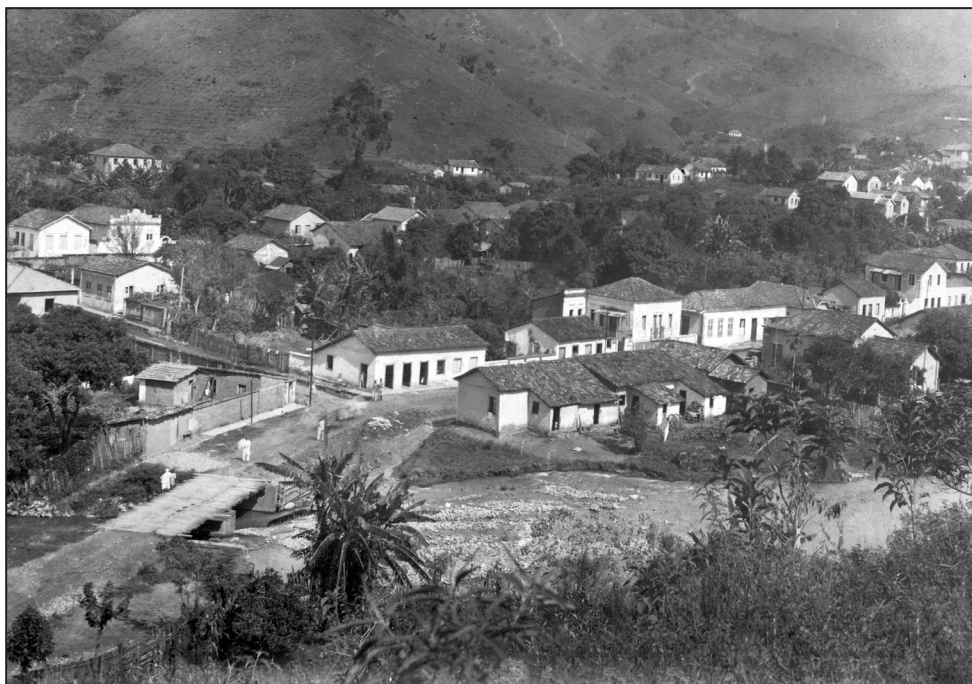


Foto Arquivo Pró-Memória

Vila São José, antiga Vila Braga. Os primeiros lotes foram vendidos pelo Dr. Francisco de Assis de Oliveira Braga, proprietário da Fazenda São José, em 1905. Na foto, do final da década de 1930, vê-se, em primeiro plano, o final da rua do Piquete, a Rua Oliveira Braga e o início da Av. Rodrigues Alves.

Fundação Christiano Rosa

A Fundação Christiano Rosa, pessoa jurídica de direito privado, de fins não lucrativos, com autonomia administrativa e financeira, instituída pelos membros participantes, sem comprometimento político, foi criada por um grupo de piquetenses para preencher o vazio cultural de nossa cidade e a falta de uma política pública voltada para educação, cultura e meio ambiente.

Nosso patrimônio histórico-artístico -arquitetônico-paisagístico veio sofrendo gradual descaracterização. Nossa história foi se diluindo pela ação do tempo sem que os mais jovens dela tivessem conhecimento.

Houve, ao longo dos anos, resistência e perseverança de poucos que, idealisticamente, vieram lutando para preservar nossa memória.

Por iniciativa particular formou-se um arquivo documental, hemeroteca, arquivo fotográfico etc., que há dois anos vem publicando periodicamente um opúsculo que divulga a história de Piquete.

Nos últimos anos, um grupo de piquetenses começou a pensar formas de agregar em um único espaço todos aqueles preocupados com a cultura de nossa cidade.

Aconteceram reuniões e debates e após reflexões observou-se que sem união, retomada de consciência e principalmente participação popular não preservariamos nossa cultura. A forma encontrada para aglutinar e abrir espaços para as diferentes manifestações da comunidade foi através da criação de uma fundação cultural.

No ano passado, em 15 de junho, foi publicado o livro “Coisas Findas – Imagem-Memória de Piquete – 1900-1950”,

como tiragem limitada e edição esgotada. O trabalho mostra, através de fotografias, 50 anos de ocupação do espaço urbano de Piquete. No final do ano, publicou-se “Estação Ferroviária Rodrigues Alves – 90 anos de História”, que resgatou a importância da estação e do ramal férreo de Piquete para o crescimento de nossa cidade e chamou atenção para importância de se preservar esse nosso patrimônio arquitetônico.

A Fundação Christiano Rosa tem como objetivo apoiar e incentivar atividades nos campos da educação, cultura, artes, assistência social, ciências, tecnologia e meio ambiente.

Objetiva, também, resgatar nossa cidadania, uma vez que suas ações centrais visam, principalmente, à população estudantil, com a qual se propõe trabalhar para o conhecimento, respeito e amor por Piquete.

Para a consecução de seus propósitos é importante a participação da população nas diferentes comissões setoriais que democraticamente abrem os espaços para novos valores.

É chegada a hora de traçarmos nosso destino e sair em busca de nossa identidade, de mergulhar na História e resgatar nossas raízes culturais.

Para tanto, contamos com o apoio e reconhecimento de todos aqueles que, como nós, queiram sair em defesa de nossa história, nossas tradições e nosso meio ambiente.

Juntos caminharemos em busca de nossas raízes, na certeza da melhoria da qualidade de vida para todos nós, piquetenses.

Imagem - Memória



Rancho "Flor do Indayá". Foto tirada na Estação Ferroviária Rodrigues Alves, em 1926.

Velhos Carnavais – “Rancho Flor do Indayá”

A fotografia, inventada no século XIX, contém em si um acervo de informações de momentos passados. Fotografia é memória e com ela se confunde. Foi se popularizando, passando a documentar expressões culturais de nosso povo.

Em 1926, apresentou-se para a população de Piquete nosso primeiro bloco, ou “rancho” como os próprios organizadores o chamavam: o “Flor do Indayá”. Foi organizado pelos irmãos Sebastião, Mário e Arthur de Lima e pelos senhores Miguel Raimundo, Duílio D’Amico, Sargento Quilula e senhor Eleotério.

Os ensaios aconteciam no mês de janeiro onde hoje se localiza a Praça José Vieira Soares.

A fantasia oficial do “rancho” consistia, para as mulheres, em saia branca pregueada e blusa azul-claro, tênis, meias brancas e, na cabeça, um diadema com contas de aljófar prateadas. Para os homens, calça branca, camisa azul-claro e um casquete com uma flor.

Foram nossos primeiros mestre sala e

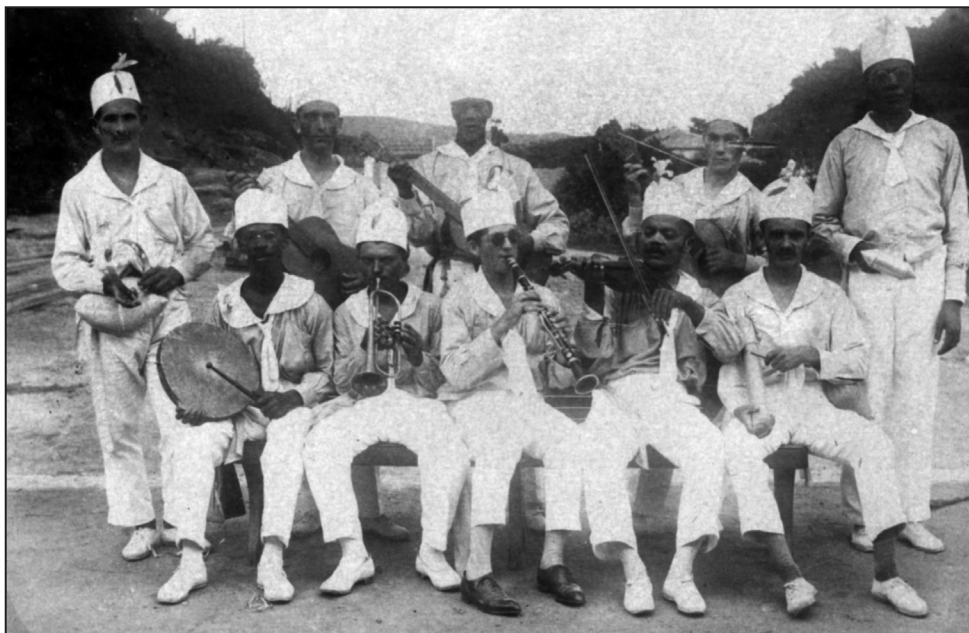
porta-bandeira o sr. Eleotério e Cota Peixoto.

Durante os três dias de Carnaval, o bloco se reunia em frente ao clube existente na antiga rua da Mantiqueira (hoje Rodrigues Alves), na casa do Sargento Quilula, e daí descia cantando pelas ruas Cel. Luiz Relvas, São Miguel e Américo Brasileiro indo até o largo da Primavera (onde hoje se localiza a Av. Major Pedro, próximo à J.Armando), local onde faziam evoluções. De lá se dirigiam para o largo da Estação Rodrigues Alves, onde embarcavam em direção à Estação da Estrela. Com nova formação, desfilavam até o antigo Cassino da Vila Militar. Da Vila da Estrela, retornavam até o clube na Rua da Mantiqueira, onde dançavam por muitas horas.

Por todos os lugares onde passavam era grande a expectativa da população, que saía às ruas para ver, aplaudindo entusiasticamente o “Rancho Flor do Indayá”.

Este depoimento foi colhido das senhoras Nair Porfírio, Celina de Barros e Geralda Meirelles, foliãs do Carnaval de 1926 em Piquete. AC

Músicos do “Flor do Indayá”: Em pé, da esq. para a direita: José Barbosa Reis, Duílio D’Amico, Sebastião de Lima, ?, Marcelino. Sentados: Zé Eleotério, Cícero Trindade, Antônio Viana, Manoel Raimundo e José da Encarnação.



Opinião

Nossa cidade tem como grande desafio nos próximos anos traçar um novo modelo de administração popular, tendo em vista o seu desenvolvimento e sua caminhada rumo ao próximo milênio.

Para tanto, é necessário que haja união e harmonia entre os poderes constituídos, para que, com a comunidade, num trabalho democrático, tracem metas, caminhando juntos para o século XXI.

Do Executivo Municipal, espera-se um governo de grande abertura democrática, sem discriminações, privilégios nem vaidades pessoais, com amplo e cordial relacionamento com a Câmara.

Quanto ao Legislativo Piquetense, é hora de nossos vereadores resgatarem a importância política do cargo, seriedade e trabalho nas sessões da Câmara, fiscalização e cumprimento das leis em prol de nossa cidade.

A comunidade, com essa nova maneira de administrar, terá oportunidade de participar dos programas criados pela administração municipal através das Sociedades Amigos de Bairro, Igrejas, Associações e também nos diferentes Conselhos Municipais previstos na Lei Orgânica do Município.

Todas as mudanças de progresso almejadas pela população piquetense só se concretizarão com muita união, “participação e trabalho”.

Mãos à obra!

Letra da Música “Flor do Indayá”

*A florzinha do Indayá
Eu quero ver
Essas nossas moreninhas
O que vão fazer
A florzinha do Indayá
Com seu primor
Adeus morena do jardim em flor.*

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Júlio C. G. Aires

Impressão:

FEEB MG/SP

Tiragem:

1.000 exemplares

Patrono da Fundação: Christiano Rosa

Christiano Alves da Rosa nasceu no Embaú, município de Cruzeiro, em 1º de Abril de 1909, filho de Joaquim Francisco da Rosa e Ana Maria de Jesus. Cresceu nos trabalhos duros da lavoura, na região do Embaú e Quilombo, onde seus pais eram pequenos proprietários.

Fez o curso primário em escola rural do Quilombo.

Já rapaz, veio com seus pais para Piquete, onde compraram casa e pequena área de terras na Vila São José, Rua Cel. Pederneiras, nº 8 (hoje números 204 a 222). Permaneceu sempre fiel a essa rua, pois em 1940 adquiriu a casa nº 162 e lá residiu até 1954, quando comprou novo terreno e construiu a residência de nº 197, para onde se mudou com a família e residiu até a morte.

Trabalhou na Fábrica Presidente Vargas exercendo várias atividades como ajudante nas fazendas e em casas de oficiais e como estafeta nos percursos Piquete a São Francisco dos Campos e Piquete a Delfim Moreira.

Nos anos 30 estabeleceu-se com um bar na esquina da Av. Dr. Rodrigues Alves com a Rua Dr. Oliveira Braga.

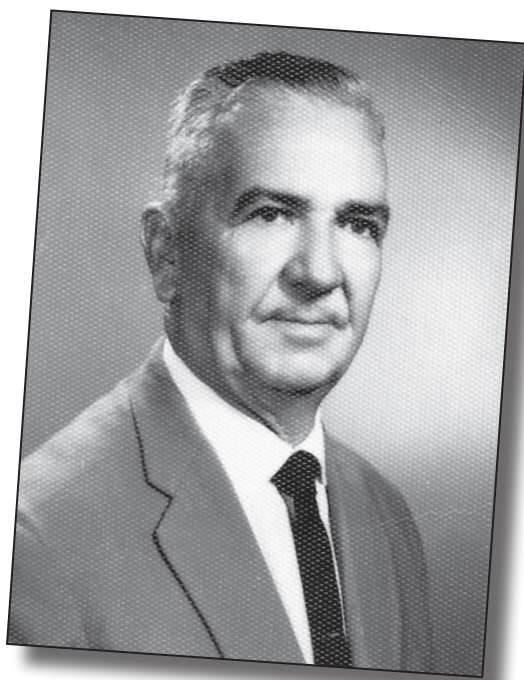
Em setembro de 1935, casou-se com Aida Oliveira Lucas, de família da cidade.

Espírito empreendedor, em fins da década de 40 adquiriu uma área de terras que abrangia os terrenos de Maria da Silva, antigo e conhecido posto de tropeiros, até os morros atrás da Igreja de São José, de início em sociedade com seu amigo Luiz Arantes Junior, "Seu Zizinho".

Logo após, já desfeita a parceria, loteou e construiu casas que vendeu à prestação, com juros da "tabela price", como era usual à época. A esse loteamento chamou de Vila Célia, nome de sua primeira filha.

Paralelamente às atividades de comerciante e construtor, nunca deixou de ser pecuarista. Sempre tinha pequena gleba de terras, onde cuidava de gado leiteiro.

Em meados dos anos 50 loteou e vendeu uma área entre as ruas Camilo Barbosa e a Rodovia Lorena-Itajubá e, em 1958, loteou seu sítio, localizado entre a linha do ramal férreo e a Estrada do Ronco. A esses loteamentos denominou respectivamente de Vila Celeste e Vila Cristiana, nomes de suas



outras duas filhas.

Iniciou a vida pública exercendo o cargo de subdelegado de polícia da cidade e, em 1947, elegeu-se vereador pela legenda do Partido Social Progressista para o quadriênio de 1948 a 1951. De 1960 a 1964 exerceu o cargo de Vice-Prefeito. Foi eleito Prefeito em 1963, ocasião em que administrou a cidade por cinco anos (1964 a 1968). Pela segunda vez exerceu o mandato de 1973 a 1976. Participou de congressos de Prefeitos Municipais realizados em São Paulo, Campinas e cidades do Vale do Paraíba.

Foi Presidente da Associação Comercial de Piquete, do Partido Social Progressista (PSP), da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e pertenceu ao Conselho da Santa Casa.

Participou como fundador e Presidente da Sociedade Amigos de Piquete (S.A.P.), da Corporação Musical Piquetense, da Guarda Mirim e da Cooperativa de Consumo de Piquete.

Em 31 de Janeiro de 1977, recebeu da Câmara Municipal de Piquete o título de Cidadão Honorário da cidade em que viveu, à qual prestou serviços por mais de 60 anos e que sempre considerou como sua terra natal.

Christiano Alves da Rosa faleceu em Piquete, conforme seu desejo, em 25 de agosto de 1977.

Voltando ao assunto...

Quando se busca uma justificativa para o cognome Cidade Paisagem, a resposta vem de imediato e em forma de exaltação das belezas naturais de nossa Mantiqueira e de particularidades urbanas de nossa Piquete.

É objetivo comum a qualquer coletividade a melhoria das condições de vida de seus membros e daí há de se pensar no direcionamento do potencial turístico de Piquete para fins econômicos.

Este é um assunto por demais comentado. Todavia, "água mole em pedra dura..."

Se a beleza natural das encostas e das altitudes da Mantiqueira, com suas riquezas da flora e da fauna, são os atrativos principais, tornam-se, então, prioritárias e urgentes ações para preservação desses elementos, bem como a restauração das áreas já degradadas. Isso pode ser feito de imediato por parte das autoridades municipais, exigindo-se o rigoroso cumprimento da legislação ambiental.

Aninhada no sopé da Mantiqueira, em cada recanto Piquete oferece diferenciadas paisagens além de particularidades arquitetônicas incomuns a outras cidades de seu porte. Este é um fator de atração de turistas, que também poderão apreciar as tradições e a memória histórica de nossa cidade.

Faz-se necessária a criação de hotéis, restaurantes e atrativos de lazer e cultura.

A implantação de microempresas de produtos de interesse de turistas propiciará o incremento de uma ativa rede comercial.

Mais do que qualquer outra proposta desenvolvimentista, um projeto turístico precisa, além de ações governamentais, do comprometimento da sociedade. Trata-se de uma ação de parcerias entre os poderes públicos e todas as entidades municipais e cidadãos bem intencionados, sem a preocupação com o imediatismo, mas com a certeza dos bons resultados a médio e longo prazos.

Um projeto turístico para Piquete do ano 2000: esta é nossa proposta para as autoridades e a coletividade piquetenses.

Voltaremos ao assunto.

Leonel Gomes

***Há homens que lutam um dia e são bons.
Há homens que lutam um ano e são melhores.
Há homens, porém, que lutam toda a vida;
esses são indispensáveis.***

Bertold Brecht

Turismo e Meio Ambiente

Alternativa para o desenvolvimento de Piquete

OGESMAR é uma entidade ambientalista que desenvolve estudos e pesquisas na região do ABC paulista e Vale do Ribeira.

Desde setembro último, quando estivemos pela primeira vez em Piquete, ficamos muito animados com o potencial ecoturístico da região.

O grupo retornou no feriado de finados, desta vez com dez integrantes, estreitou relações com moradores do município interessados no desenvolvimento de um programa de turismo ambiental como alternativa econômica viável às características estruturais, paisagística e humanas de Piquete. O grupo aproveitou a ocasião para comemorar o seu aniversário de 12 anos, completados dia 2 novembro.

Nessa segunda atividade de reconhecimento o GESMAR teve a oportunidade de conhecer outro ponto do entorno do Pico dos Marins, na região da APA da Mantiqueira, a trilha principal que sai do município vizinho de Delfim Moreira – MG, conseguindo subir até o Morro do Careca, localizado a uma altitude de 1.700m. Não foi possível prosseguir até o Pico devido às más condições meteorológicas, entretanto, a caminhada já foi altamente compensadora.

Ficamos muito felizes com o convite feito pelo Prefeito, Alaor Ferreira, para que Antônio João Ribeiro Teixeira ocupasse o cargo de Assessor de Turismo e Meio Ambiente do Município. João Teixeira, nosso companheiro de atividades, a quem devemos muito pela hospitalidade e pelos momentos alegres do contato com a natureza, é profundo conhecedor desse trecho da Serra da Mantiqueira, além de ser uma pessoa que reconhece no Turismo um excelente caminho para o desenvolvimento e preservação ambiental de Piquete.

Um aspecto importante a ser ressaltado em reação ao turismo ambiental é que o mesmo tem mostrado ser uma excelente alternativa econômica contendo vários pontos positivos e existindo vários exemplos concretos no próprio Vale do Paraíba e em outros locais, no entanto, é preciso estar integrado a um plano regional e educativa, voltada para a revitalização da paisagem local e envolvimento de todos os segmentos sociais do município.

É preciso entender a questão ambiental como aquela preocupada, antes de mais nada, na preservação do homem, buscando uma identidade e uma maior integração com o ambiente em que vive, porém sem antropocentrismos. É preciso que se veja o ambiente como moradia, como parte integrante e não como mera mercadoria.

A população local precisa, então, estar atenta e participar de todo processo para evitar a invasão cultural ou a mudança brusca no cotidiano da cidade. É preciso entrosamento e parceria, sem individualismos, para que todos possam sair beneficiados pela atividade turística.

O princípio básico deve ser “uma mão lava a outra”.

Em termos de poder público é preciso um trabalho intersecretarias, visando uma atuação harmônica e coesa, minimizando os choques de atividades. Além disso, é preciso a busca de apoio do governo do estado, através de suas secretarias de esportes e turismo, cultura, educação meio ambiente, entre outras.

Paralelamente, deve ser realizado um amplo trabalho de educação ambiental nas escolas, nas comunidades rurais e nos vários segmentos da população, pois é fundamental para que um programa de ecoturismo se viabilize.

Para desencadear o programa de ecoturismo é necessária a realização de um diagnóstico socioambiental, preferencialmente de forma participativa, identificando:

- Potencialidades locais (atrativos naturais, reservas ecológicas, área com mata nativa, trilhas, rias, cachoeiras, montanhas, picos, áreas de pesca, fazendas ou sítios, monumentos históricos, memória viva – moradores antigos, museus e objetos significativos, tradições, festas, comemorações religiosas, datas importantes, culinária típica, publicações etc.).

- Parcerias (políticos, igrejas, entidades ambientalistas, escolas, entidades filantrópicas, bairros rurais, empresários, comerciantes, fazendeiros e sitiantes, indústrias, universidades e instituições de pesquisa, população local, grupos de amigos de Piquete).

- Agentes multiplicadores (professores, diretores de escola, memorialistas, guias e

monitores de turismo ambiental, grupos de jovens moradores em geral).

- Estratégias de atuação (mapeamento e caracterização dos atrativos, roteiros turísticos e seus graus de dificuldade, identificação de públicos-alvo e roteiros alternativos; elaboração de plano regional de turismo, desenvolvimento sustentável e educação ambiental, palestras e seminários, cursos e treinamentos, criação de estruturas de recepção e hospedagem apropriadas, formação de equipes de resgate e primeiros socorros etc).

Fica aqui expresso o agradecimento do GESMAR. Nos sentimos lisonjeados pela possibilidade de realizar esse reconhecimento preliminar de área com tão grande potencial ecoturístico, além do lazer proporcionado pelo contato com regiões novas para os membros do grupo.

Com certeza nos veremos mais vezes nesse pitoresco e atrativo município, com tantas belezas, para se ver e tantas histórias para nos contar.

Luiz Afonso V. Figueiredo^(*)

()Professor-coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Fundação Santo André; Presidente do Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mara (GESMAR) e Conselheiro da Rede de Educação Ambiental do Estado de São Paulo.*

Primavera

*Engraçado... Não vi passar a primavera
Não vi a sabiá alimentar o filhote
Os ninhos estavam vazios
Todos vazios... como nada...
E o beija-flor?
Não fez seu ninho-renda na samambaia?
Não vi a primavera!*

*Inexorável estação!
Os filhotes nasceram
O ninho-renda foi tecido
E eu?
Em que sonhos invernava?
Por onde vagava?
Não tive olhos para a natureza revivida
Ouvidos para a sonata do renascer.*

*Ah!
A primavera só se vê
Com os olhos da paixão
Com os olhos dos sonhos
A poesia do coração*

*Com alma ferida, não se recupera
A magia de uma primavera que foi
Deveras...
Perdida.*

A.G.

PARTICIPE

Agradecemos o envio de sugestões e críticas.

**Correspondência para
Caixa Postal nº 10
Piquete/SP
CEP 12.620-000**

Anuncie no O ESTAFETA

**Telefones para contato:
(012) 556-1192
(012) 556-1207**

A Restauração da “Casa 1”, na Vila Militar Estrela do Norte, em Piquete

Construída no início deste século para servir de residência ao primeiro diretor da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, Cel. Aquiles Veloso Pederneiras, a “Casa 1” por mais de 50 anos serviu de moradia aos diretores da Fábrica, sendo símbolo de poder da Vila Estrela do Norte, em Piquete.

Na década de 60, com a construção de uma nova casa para o diretor da indústria bélica, a antiga residência passou a abrigar órgãos administrativos.

Em 1987, quando da visita do Presidente da República, José Sarney, à FPV/IMBEL, cogitou-se transformá-la em museu.

Após muitos anos abandonado, o edifício foi pela IMBEL recentemente restaurado, respeitando sua construção original, bem como seu entorno, imprimindo-lhe nova função.

A preservação desse imóvel de interesse cultural esteve amparada em princípios básicos, considerando-se não só o seu aspecto estético como também o histórico, o cultural e o socioeconômico.

A visão de preservação e civismo da IMBEL resgata, com essa obra, a importância histórico-sociológica da Vila da Estrela e um pouco das obras do Exército no Vale do Paraíba. Reforça, também, a importância da fábrica de pólvora para Piquete e toda a região.

Um passeio pelo antigo prédio, como pela Vila Militar, suscita lembranças que são evocadas através de sua fachadas, salas, jardins, estação do trem, sempre pontuadas pelas centenárias palmeiras remanescentes da antiga “Fazenda da Estrella”.

Foi durante o governo de Campos Sales (1898-1902) que seu Ministro da Guerra, Mal. João Nepomuceno de Medeiros Mallet, reorganizou todas as repartições do Exército e criou vários estabelecimentos e serviços visando às reais necessidades de seu Ministério.

Entre as obras da Diretoria Geral de Engenharia, previa-se a construção de uma fábrica de pólvora sem fumaça, um sanatório militar e um ramal férreo.

Em 26-03-1904, durante o governo Rodrigues Alves, o Ministro da Guerra, Marechal Argollo, veio com uma comitiva inspecionar o andamento dos trabalhos do ramal férreo e do sanatório militar. Foi determinada pelo governo federal a aquisição de três fazendas no município de Piquete para instalação da fábrica de pólvora: “Estrella do Norte”, “Limeira” e “Sertão”.

Em 04-07-1905, o Ministro da Guerra, através do aviso nº 105, constituiu a Comissão Construtora da Fábrica.

No dia 22-07-1905, a Comissão Construtora da Fábrica instalou-se na fazenda “Estrella do Norte”, iniciando, de imediato, seus trabalhos. A parte industrial foi edificada nas terras das fazendas “Limeira” e “Sertão” e a parte urbana foi construída nas terras da fazenda “Estrella do Norte”, dando origem à vila militar do mesmo nome.

O péssimo estado de conservação e asseio em que se achavam as casas da fazenda da Estrella e a falta absoluta de habitações na Vila do Piquete para servirem de moradia aos oficiais da Comissão determinaram a reconstrução das diversas dependências dessa fazenda, que foram transformadas em moradias higiênicas e confortáveis.

Foram demolidas as paredes mestras das antigas tulhas e da capela e aproveitados os materiais em bom estado para a reconstrução das três primeiras casas com parede de tijolo, forros, assoalhos, portas e janelas. A antiga casa da fazenda passou também por modificações na fachada, que foi substituída

por outra de alvenaria de tijolo. Em todas foram colocados fogões econômicos, pias nas cozinhas e aparelhos sanitários ligados a uma fossa hermeticamente fechada de escoamento contínuo.

Havendo grande necessidade de tijolos para a construção das casas e futuras edificações da fábrica, foram encomendadas na Europa as máqui-

nas para fabricação desse material.

Por essa ocasião, era grande o movimento de tropas e operários, intensificando-se o trânsito pela pacata Vila do Piquete à medida que o ramal férreo se aproximava.

E, no dia 15-09-1906, com a presença do Marechal Argollo, era inaugurada, no Piquete, a “Estação Rodrigues Alves” do “Ramal Férreo Lorena-Benfica”. À tarde houve a inauguração da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves. À noite ocorreu a inauguração da iluminação elétrica da Vila da Estrella, que se achava em construção.

Em 15-03-1909, com a presença do Presidente da República, Dr. Afonso M. Pena; Mal. Hermes R. da Fonseca, Ministro da Guerra, oficiais e operários, foi inaugurada a “Fábrica de Pólvora sem Fumaça”, sendo seu primeiro diretor o Cel. Aquiles V. Pederneiras.

Quando da inauguração da Fábrica, a Vila da Estrella já dispunha, além de esgoto, de iluminação pública, serviços de rádio, correio e telégrafo, telefone, cinema, clube de futebol, serviços de transporte sobre trilhos (trens, bondes, troles) com duas estações ferroviárias (a principal em frente à “Casa 1” e uma outra denominada “Serrinha”).

As construções sólidas, dotadas dos melhoramentos que então se conheciam, contavam com praças agradáveis que ostentavam tapetes de grama e plantas ornamentais, ruas bem traçadas e arborizadas, com passeios cimentados ou ladrilhados e os leitos carroçáveis revestidos de camadas superpostas de pedras britadas e rochas pulverizadas.

Pelo alto grau de urbanização, a Vila da Estrella é considerada pelo historiador piquetense (nascido na Vila em 1919), professor Paulo Pereira dos Reis, o primeiro centro urbano planejado e implantado no estado de São Paulo e um dos primeiros do Brasil.

Por tudo que representou e representa a “Vila Militar da Estrella” para a história de Piquete, a “Casa 1”, hoje restaurada, será sempre testemunha da indústria bélica na região, com sua tecnologia e desenvolvimento.

Antônio Carlos Monteiro Chaves



Antiga sede da Fazenda “Estrella do Norte”. Foto da década de 1920.



COLUNA DO CHICO MÁXIMO

O nosso Ribeirão do Piquete

(Para Ana Maria de Gouvêa)

Eu me lembro – era criança – vinham aquelas águas barrentas, o ribeirão ficava inchado e cantava grosso. Arrogante e indiscreto, invadia tudo, curioso dos segredos dos quintais. Enchente da brava, com cheiro de tijuco e podridão.

Meus olhos líquidos fitavam aquela imensidão que vinha redemoinhante, gorgolejante, engolindo tudo na sua fome de encharcar. Da janela do velho casarão eu contemplava, emocionado, a fúria desencadeada que chegava da serra e trazia notícias de tromba d’água. Era um desfile desordenado de coisas vivas e mortas: cercas desmanteladas, pequenas árvores de raízes aduncas e nervosas, bananeiras-flechas no ar, tufo de capim, tudo enlaçado no estrangulamento dos cordames de cipós. Às vezes passavam troncos alvoroçados de orquídeas. Eu ouvia o barulho oco das pedras e temia por supostos ninhos na friagem das correntezas. Tinha dó das galinhas aflitas, boiando desajeitadas.

Lembro-me daquele animalzinho comprido, lustroso, ziguezagueante. Ouvi, pela primeira vez, o seu nome, era uma lontra (vinha de que longes?), tão descontraída e ligeira, elástica e versátil. Ancorou numa das margens e dilui-se nas sombras de um quintal. Ficou o desejo de pegá-la, correr-lhe os dedos pelo dorso luzidio e guardá-la como brinquedo ou bichinho de estimação.

Punha-me a pensar no Paraíba, ele também se dilatando na loucura de tantas águas.

A enchente não respeitava nada: derrubava muros, carregava pontes, destruía hortas e jardins, profanava o interior das casas e despejava nas ruas seu ímpeto desenfreado. No antigo casarão, meu avô Chiquinho Máximo, tranquilo e solene, distribuía a paz e a calma, dissipava os medos e controlava as emoções. E isso o fazia grande diante dos meus olhos.

Na rua, meninos aplaudiam o espetáculo das coisas passantes naufragadas e surpreendentemente gritavam: “Lá vem um cachorro morto!” “Olha lá uma cobra nadando!” Uma alegria temerosa provocava inquietação, desassossego. Pessoas vinham de longe para ver aquela multidão de águas caminhanes. Algumas lembravam o dilúvio, outras con-

versavam com Santa Bárbara. Mas ficavam a distância, cautelosas, cochichando rezas e superstições.

Pareço ver ainda um grupo de rapazes munidos de cordas, na tentativa de laçar os troncos, que rolavam estonteados de cambalhotas e mergulhos. Minha avó contava que certa vez uma mulher rolava na enchente, mas fora salva graças à habilidade de um rapaz que manejava o laço com destreza e prontidão. Durante vários dias, ela ficou alheia a tudo, afogada na melancolia, como se não pertencesse mais a este mundo.

Após a enchente vinha um repouso sobre as coisas, um silêncio na paisagem: o capim amassado, de cabeça inclinada, verdinhando no sossego; o ribeirão, cansado de tanto esforço, parava no Poço do Vidinho e no Poço Fundo, convidando a molecada para o banho. Ali e acolá, ramos espetados nos barrancos com promessas de raízes e rebentos; areias fofas, pedras lavadas, transparências de vidro, voejos coloridos... Alguns mendigos vasculhavam o caminho das águas e recolhiam destroços atirados: lenha para o fogo, brinquedos sem dono, coisas arrancadas dos quintais. Os adultos lastimavam os danos sofridos, mas em nós, crianças, ficava uma ponta de saudade e um desejo secreto e irreverente de chubarada na serra, com prenúncios de novas cheias.

Esse meu ribeirão tem uma história para contar... Com o tempo, porém, foi ficando miudinho e raquítico. Hoje, sem a dignidade de outrora, desliza acanhado, espremido entre pedras e capins, pasto de urubus vadios e vacas madrugantes. Poluído e sujo, arrastase sem a poesia de peixes e moleques. Lembra um espantalho molhado, manchado de nódoas, com remendos de podridão. Morrente a cada dia, mais parece córrego que Ribeirão. Um poeta, nosso irmão, nascido aqui, Carlos Alberto Caetano, compôs-lhe um réquiem:

“... carcomido pelo passar-vida,
resta-lhe um fio d’água.
Apenas um fio-fim-de-vida.”

Mas ele sempre correrá na nossa geografia interior, conduzindo-nos às margens da infância e nos banhando das velhas alegrias que o tempo não consegue apodrecer.

Crônicas Pitorescas

Zona de Guerra

Palmyro Masiero

Estação Rodrigues Alves, cerca de nove e meia do dia 12 de outubro de 1914. Nos vagões de carga ajeitavam-se latões cheios de leite e outras mercadorias. Muitas pessoas na plataforma aguardando o embarque para Lorena, no trem das dez, enquanto outras tantas, à guisa do que melhor fazer, marcando presença simplesmente para assistir a partida do comboio de via férrea.

Ressalte-se, para melhor justificativa: não havia rádio nem televisão. Os jornais diários que circulavam nos grandes centros chegavam com dias de atraso aos nossos raríssimos leitores. Resumo: a Terra ainda não era uma aldeia global e a maioria dos piquetenses ignorava o que acontecia por esse mundão de Deus.

Fazendo hora na estação, um trio mais bem informado comentava sobre a guerra recém-estourada na Europa. Dentre eles encontrava-se o jovem Pedro Luz, estudante de Direito, correspondente do jornal “O Estado de São Paulo”, em Guaratinguetá, e colaborador de diversos órgãos regionais. Sua estada em Piquete provinha de gravíssima doença de que estava acometido e que tentava abrandar na casa de seu pai, Sgo. Bento Gabriel Luz, comandante do destacamento policial da cidade. Ambos viriam a falecer ano seguinte.

Voltando ao assunto, os três já haviam historiado os antecedentes que levaram a Alemanha a declarar guerra à França e comentavam sobre a Alsácia e Lorena. Um dos nossos expeditos comerciantes que ia fazer provisão de mantimentos na cidade vizinha, já de posse de seu bilhete, ouvia a conversa.

“Não tardará muito – falava Pedro Luz –, louvado Deus, e essa França de 1870, que viu arvorar o estandarte inimigo numa faixa do seu território e que assistiu à queda da mais inexpugnável fortaleza do universo, terá de assistir, ao ribombar da artilharia, a derrubada do majestoso edifício levantado sobre as ruínas da Alsácia e Lorena”.

Ante esse palavreado culto, eloquente, nosso bom comerciante, talvez considerando que a Europa ficasse pouco mais longe que Aparecida, jogou fora o bilhete da passagem e se mandou. Indagado sobre a decisão, não titubeou:

- O que vou fazer numa cidade que está sendo bombardeada?

Floração

Myrthes Mazza Masiero

(Para a mulher poeta e, em especial, para Vera Alba e Mariinha Motta)

Mulher poeta,
Enluarada e exata,
Santuário de flores, frutos e segredos.
Tua palavra é incendiada seta
Que brota da alma
E vai florir nos dedos.

Homenagem

Violette

O vento soprando na Serra.
O frio, o pico, os pinheiros.
A bruma esfumando a imagem
do rio que serpenteia no vale.

Vale a pena ver-te,
Vale ver-te florindo
Vale ver-te verde
Vale viver-te Piquete.

Estação Rodrigues Alves

Nelo Pelegrine

Perderam-se os teus cavalos
de ferro e fogo! Mas que importa?
A esperança volta a cavalgar
os corcéis alados da fantasia...
e haverá sempre mais uma jornada
de vida e encantamento!

O Município de Piquete Alguns dados sobre população

Piquete, município de 170 km², com uma população absoluta registrada pelo IBGE (1991), de 14.749 habitantes e uma densidade demográfica de 90 habitantes por quilômetro quadrado, está inserido pelos dados do SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) na região do Governo de Guaratinguetá, segundo a distribuição geográfico-administrativa adotada pelo estado de SP, e na Região Administrativa de São José dos Campos⁽¹⁾.

Piquete é um município paulista entre os quais a população urbana é cada vez mais predominante. Assim, o grau ou taxa de urbanização registrado pelo IBGE em Piquete, em 1980, foi da ordem de 71,76%, enquanto que o de 1991 teve o registro de 93,47%, enquanto o Vale do Paraíba registrava, respectivamente, 63,25% e 72,18% e a Região Administrativa de São José dos Campos registrava, respectivamente, 87,56% e 91,61%.

Na distribuição geral dos municípios paulistas, quanto ao total populacional, Piquete se encontra entre 162 outros cuja população varia entre 10.000 e 30.000 habitantes.

Na distribuição da população por sexo em 1991, Piquete apresentava os seguintes dados: 7.242 homens e 7.507 mulheres.

Se compararmos a população residente em Piquete entre os anos 1970, 1980 e 1991, notamos que a variação total não foi muito destacada. Em 1970, o total foi de 14.136 habitantes; em 1980, foi de 14.362, e, em 1991, 14.755. Esses índices revelaram que entre 1970 e 1980 a taxa anual de crescimento foi de 0,03 e de 80 a 91 foi de 0,25. Se compararmos, entretanto, que o saldo vegetativo, ou seja, o saldo de nascimento sobre mortes, foi de 2.607, e, no movimento migratório, saíram 2.561, o aumento populacional foi, de fato, de 46 pessoas para a referência 1970/1980. Já para o período 1980/1991, o saldo vegetativo acusou 2.692 e o migratório 2.299; dessa forma, o aumento real de população residente foi de 393.

Assim, os dados nos revelam que, embora o saldo vegetativo tenha sido elevado, a migração esteve muito alta. Observa-se que o saldo migratório de saída é grande nos municípios da Região de Governo de Guaratinguetá.

A observação das taxas de evasão ou de atração populacional apresentou-se variada no estado de São Paulo, notando-se que

alguns municípios reverteram situações. Alguns com taxas positivas passaram a negativas. O inverso também ocorreu. No período compreendido entre 1970 e 1991, a Região Metropolitana (engloba a capital e municípios adjacentes) passou de positiva para negativa quanto às taxas migratórias. Mas, no mesmo período, a Região de Guaratinguetá e, particularmente, o município de Piquete, apresentaram taxas negativas, ou seja, evasão populacional, como também foi o caso da Região de Cruzeiro. Já a Região de Taubaté apresentou taxas positivas de atração populacional, embora o ritmo de referência tenha sido alto entre 1970/1980, mas bem diminuído em 1980/1991, respectivamente, 101,09 e 32,56.

Mas a Região Administrativa de Caraguatatuba (Litoral Norte) apresentou-se, com Taubaté e São José dos Campos, em 1970/1980, entre as oito regiões de crescimento mais destacado do estado.

Já em 1980/1991, embora tenha decrescido a taxa de aumento populacional na Região de Caraguatatuba, ela ainda foi negativa, aliás a mais alta taxa de todo o estado.

A posição geográfica de Piquete evidenciada às margens do Ribeirão Piquete, formado dentro da área do município pela junção dos ribeirões Benfica e Sertão, indica uma disposição em manobra longitudinal compartimentada pelas elevações cujas curvas de nível estão entre 600 e 700 metros. Ao fundo, os topos da Serra da Mantiqueira de Piquete e, portanto, do estado de São Paulo com o de Minas Gerais. Entre esses topos, destaca-se o dos Marins, com 2.422 metros de altitude.

A configuração geográfica representa o motivo pelo qual o núcleo se formou: a posição pré serra de acesso às minas e suas áreas de exploração e povoamento.

O Ribeirão Piquete segue seu curso paralelamente ao Paraíba e vai atingir o Ribeirão Passa Vinte, para engrossar as águas deste em direção ao Paraíba do Sul.

Os dados aqui apresentados devem nos levar ao interesse do entendimento da configuração geográfica de Piquete e de sua posição estatística atual, para delinearmos os projetos que nos direcionam o futuro.

Dóli de Castro Ferreira

Nota: ⁽¹⁾ Para efeitos estatísticos, o estado de São Paulo foi dividido em Regiões Administrativas (RA) e, estas, em Regiões de Governo (RG) – Decreto Estadual de 14/08/1990.

Área de Proteção Ambiental - APA

Célia Ap. Rosa

Um grande trecho da Serra da Mantiqueira que abrange terras dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, foi declarado Área de Proteção Ambiental (APA) pelo Decreto nº 91.304, de 3 de junho de 1985.

No nosso município, a delimitação geográfica da APA é estabelecida pela curva de nível de 900 metros. Isso significa que todo o trecho da Serra acima de 900 metros de altitude está incluído nessa área de proteção ambiental.

Para termos uma referência dessa altitude, na estrada Lorena-Itajubá esse ponto passa exatamente no Posto Fiscal, pouco antes da Escola Municipal Prof^{ta} Maria Judith.

A declaração desta reserva tem por finalidade, além de garantir a conservação do conjunto paisagístico e da cultura regional, proteger e preservar parte de uma das maiores cadeias montanhosas do Sudeste brasileiro: a flora endêmica, os bosques de araucária, a remanescente cobertura vegetal, a vida selvagem, principalmente as espécies em extinção.

Resumindo, o que se busca é o uso racional do solo e a salvaguarda dos recursos ambientais.

Nesta área são proibidas ou restringidas: a implantação de atividades industriais potencialmente poluidoras ou capazes de afetar mananciais, a realização de obras de terraplanagem, a abertura de canais e qualquer outra atividade capaz de provocar erosão, extinguir espécies raras e prejudicar nascentes de cursos d'água.

Qualquer atividade que cause alteração ambiental depende de autorização prévia da SEMA (Secretaria de Meio Ambiente) ou CETESB (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), através da prefeitura do município envolvido.

Essas restrições de uso não prejudicam o desenvolvimento da região atingida. Projetos educacionais, de turismo e lazer e outros que respeitem os recursos naturais são incentivados.

É importante saber que nossa "Cidade Paisagem" guarda, na cobertura verde de seus picos e morros, "manchas de floresta" remanescentes da Mata Atlântica, que abrigam espécies da flora e da fauna ameaçadas de extinção.

Notas da Câmara

• Em sessão solene realizada no dia 1º de janeiro de 1997, sob a presidência do Ver. Dr. Luiz Carlos Beraldo Leite, tomaram posse os novos componentes do Poder Legislativo de Piquete para o mandato de 1997 a 2000.

• Foram empossados também naquela sessão o Prof. Alaor Ferreira para exercer o cargo de Prefeito Municipal, no seu segundo mandato, e o Prof. Carlos Arthur Soares Alves, Vice-prefeito.

• Naquela oportunidade, foi eleita a Mesa Diretora da Câmara para o biênio 1997/1998, assim constituída: Presidente: Ver. Hugo Ricardo Soares; Vice-presidente: João Carlos Leal; 1º Secretário: Mário Luiz Rodrigues; 2º Secretário: José Armando de Castro Ferreira.

• O novo Legislativo reuniu-se pela primeira vez, extraordinariamente, no dia 13 de janeiro, convocado pelo Senhor Prefeito, tendo sido aprovado Projeto de Lei dispondo sobre a isenção de multas e juros para o pagamento de débitos em atraso para com a Prefeitura e foram aprovados projetos dispondo sobre a reestruturação e a criação de cargos imprescindíveis para a organização da nova equipe do Poder Executivo.

• **PIQUETENSE:** Visite a Câmara. Participe das sessões do Poder Legislativo acompanhando seus trabalhos. Os vereadores são seus representantes e devem cuidar dos interesses da comunidade. A Câmara se reúne às primeiras e terceira sextas-feiras do mês, às vinte horas. PARTICIPE!

Notas da Prefeitura

• Dias antes da posse, o Prefeito Alaor Ferreira, acompanhado do Sr. Antônio João Ribeiro Teixeira e do Sr. Leopoldo de Oliveira, esteve em Brasília participando de treinamento promovido pela EMBRATUR, com a finalidade de cadastrar o município no Plano Nacional de Municipalização do Turismo e participar de oficinas de preparação de multiplicadores.

• A Estrada dos Marins está sendo desobstruída das barreiras desabadas com as últimas chuvas.

• As casas dos funcionários municipais à margem da Rodovia Lorena-Itajubá estão passando por total reforma visando adequá-las às condições de segurança e higiene.

• Os prédios escolares estão sendo reparados para o início do ano letivo.

• Está em desenvolvimento o projeto “Viva Piquete”, que envolve as áreas de Turismo, Educação e Meio Ambiente, junto às escolas, Igrejas e associações de bairro, buscando incutir amor e respeito pelo município, despertar a cidadania responsável e o sendo do dever.

• Está sendo efetuada regularmente uma limpeza geral na cidade. Conforme legislação existente, a retirada de entulho de construção depende de solicitação prévia e pagamento de taxa.

• Está em vigor a isenção de multa e correção monetária para os devedores de taxas e impostos. A dívida poderá ainda ser parcelada em duas vezes: a primeira parcela até 7 de fevereiro e a 2ª até 7 de abril do ano corrente. Após o prazo, os débitos irão para execução.

• É fundamental colaborar com a Administração Municipal mantendo limpas as ruas, praças e jardins e não jogando lixo nos rios e córregos.
A CIDADE É NOSSA!

Mananciais e sua Proteção

A grave situação das bacias hidrográficas do Estado de São Paulo fez com que o governador Mário Covas, em outubro de 1996, aprovasse o anteprojeto de Lei de Proteção dessas bacias.

Na realidade, uma revisão da Lei de Proteção dos Mananciais (LPM) está sendo discutida pela sociedade e já sofreu algumas modificações que foram acertadas pelos secretários do Meio Ambiente e de Recursos Hídricos. Alguns aspectos positivos desse anteprojeto podem ser enumerados:

• a revisão da Lei de Proteção aos Mananciais face às rápidas mudanças socioeconômicas ocorridas e à acelerada degradação dos mananciais do estado;

• a extensão da Lei para todo o estado de São Paulo;

• a inserção nessa Lei da “recuperação de áreas de mananciais” quando isso se mostrar necessário e colocar em risco uma população;

• a garantia em um pressuposto artigo 28 da nova lei de que “os municípios integrantes das áreas de proteção e recuperação dos mananciais farão jus à compensação financeira prevista na Lei 9146, de 09/08/1995.

O anteprojeto está sob intensa discussão e a expectativa é de que, após o recesso da Assembleia Legislativa e com as alterações acatadas pelo governo, este o encaminhe para aprovação dos parlamentares.

Lembramos que manancial pode ser entendido como fonte, nascente de água, e Piquete tem na Serra da Mantiqueira uma Área de Proteção Ambiental (APA), onde estão os mananciais, as nascentes de água que abastecem a cidade. Por isso, o poder público municipal deve ficar atento para, no momento oportuno, deflagrar um processo de recuperação dos mananciais com base no dispositivo de uma nova lei que, esperamos, dentro em breve esteja em vigor.

Celso Colombo

Folclore

Folia de Reis

06/01/1996



“A Folia de Reis só se realizava no período compreendido entre o Natal e o dia 6 de janeiro. Visava a homenagear os Santos Reis Magos, mas os ensaios começavam nos meados de novembro e era comum ouvir-se durante esse tempo o bater seco dos tambores e a voz estridente dos cantadores.

Não se dançava, a não ser uns requebros simples para ajudar a cadência do canto. Saíam de casa em casa, esmolando com versos apropriados, e a renda era para um ‘ajantarado’ dia 6 de janeiro, com a participação de todos os que formavam o grupo.

Contava-se que enquanto o grupo prin-

cipal entretinha os donos da casa, na porta principal ou na sala da frente, outro grupo, adrede preparado, visitava o galinheiro para garantir a presença de ‘penas’ no referido ágape.

Contava-se, ainda, que, às vezes, num requinte de ironia, convidavam-se as pessoas reconhecidas como ‘pão duro’ e de quem foram surrupiadas as galinhas, para participar dos comes e bebes.

Chegando à porta da casa limpavam a garganta e cantavam:

*‘Senhor dono da casa
vamos entrar no seu salão
pra festejar os Reis Magos
pra fazer a saudação’.*

E daí, em versos, era contada toda a história do nascimento de Jesus, dos Três Magos orientais e da estrela que os guiou.

Nos intervalos da cantoria, conforme a casa, eram-lhes servidas rodadas de aguardente e salgadinhos, além de esmola propriamente dita.”

(Extraído do livro “Folclore de Piquete”, de Carlos Vieira Soares)